



IMPLICAÇÕES DA INTERCULTURALIDADE NA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Marcela de Melo Cordeiro Eulálio; Josilene Pinheiro-Mariz

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: No Brasil, país misto composto por diversas etnias, sendo os povos indígenas, portugueses e africanos os pioneiros na formação cultural dessa nação, vê-se um conflito entre as diferentes crenças e culturas, especialmente, no que se refere às religiões advindas do continente africano que são, pejorativamente, criticadas. Considerando isso, percebe-se, no diálogo cultural, uma forma de desmistificar os preconceitos existentes para com a cultura do outro, enfatizando a importância de se aceitar e respeitar as diferentes realidades. Portanto, será apresentado, neste trabalho, as implicações de um diálogo entre as culturas brasileira, angolana e moçambicana, na sala de aula, a partir de contos da tradição oral, levando-se em conta o fato de que tais narrativas apresentam aspectos culturais do espaço e tempo no qual foram produzidos. Para tanto, esta pesquisa caracterizada, metodologicamente, como uma pesquisa-ação, baseou-se nas reflexões de Leite (2012), Freitas (2010), no que concerne à oralização das literaturas africanas; Jolles (1976), quanto às narrativas curtas; Compagnon (2010), no que diz respeito à literatura; Bauman (2012) e Hall (2006), sobre as noções de culturas e Jullien (2009) no que se refere à noção de interculturalidade, dentre outros estudiosos que trazem reflexões que sustentam a nossa investigação. Ao longo desse processo que buscava levar para estudantes de Língua Portuguesa, os diálogos interculturais, verificou-se que boa parte dos alunos enxergaram semelhanças e diferenças entre as narrativas objeto de estudo da pesquisa e, sobretudo, entre as culturas investigadas, mas também constataram que as ações diferentes justificam-se pelo fato de se tratarem de culturas distintas.

Palavras-chave: Brasil, Angola e Moçambique; Interculturalidade; Sala de aula; Implicações.

1. Introdução

O que fez a espécie humana sobreviver não foi apenas a inteligência, mas a nossa capacidade de produzir diversidade. Essa diversidade está sendo negada nos dias de hoje por um sistema que escolhe apenas por razões de lucro e facilidade de sucesso.

Mia Couto

As palavras de Mia Couto nos lembram que cada povo tem uma maneira de agir, uma maneira de pensar uma maneira de socializar, o que nos remete, por consequência, ao conceito de cultura, isto é, um comportamento implícito que rege as mais diversas áreas da sociedade, a saber: educação, política, religião, dentre outras. Pensando nisso, é importante ressaltar a importância do



respeito às diversas formas de pensar e agir, em outras palavras, as diversidades culturais, lembrando-nos a grande multiplicidade cultural presente no Brasil, começando pelas culturas matrizes: indígenas, portuguesas e africanas.

As culturas africanas, no nosso país, por exemplo, manifestam-se por meio de aspectos como as influências linguísticas presentes no português brasileiro, esportes como a capoeira, ou mesmo, por meio de religiões como Umbanda, Bantu, Candomblé etc. Tais religiões são, pejorativamente, criticadas por pessoas leigas e intolerantes no que diz respeito às diferenças culturais.

Por isso, é necessário incitar a desmistificação desses preconceitos, mostrando às pessoas que cada povo tem sua cultura, com hábitos e costumes diferentes que precisam ser, fundamentalmente, respeitados. Para realizar essa incitação, pretende-se, neste trabalho, apresentar as implicações de um diálogo entre as culturas brasileira, angolana e moçambicana, na sala de aula, a partir de contos da tradição oral, levando-se em conta o fato de que tais narrativas apresentam aspectos culturais do espaço e tempo no qual foram produzidos.

Para concretizar esse objetivo, esta pesquisa teve como base as reflexões de Leite (2012) e Freitas (2010), no que concerne à oralização das literaturas africanas; Compagnon (2010), no que diz respeito à literatura; Hall (2006), sobre as noções de culturas e Jullien (2009) no que se refere à noção de interculturalidade, dentre outros estudiosos que trazem reflexões que sustentam a nossa investigação.

Por fim, em termos de organização, este trabalho é composto por dois tópicos principais, dentre os quais se destaca *Percursos metodológicos da pesquisa*, em que apresentamos as teorias metodológicas que subjazem a pesquisa, assim como informações que envolvem a pesquisa ação e *Implicações da interculturalidade na sala de aula*, em que apresentamos uma análise dos dados obtidos na pesquisa auxiliada a teoria que fundamenta a investigação em processo.

2. Percursos metodológicos da pesquisa

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, intitulada *Oralidade: literatura e cultura africanas na aula de língua portuguesa*, defendida no mês de julho de 2016. Tendo em vista a necessidade de desenvolvermos tais discussões, enfocamos como objetivo para esse momento identificar a interculturalidade em aula de língua portuguesa a partir de contos de tradição oral. Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa-ação, pois intentou, por meio do conto de tradição oral,



incitar o conhecimento sobre as culturas angolana e moçambicana na sala de aula, da mesma forma que a comparação dessas culturas com a cultura materna dos alunos: a cultura brasileira.

Além disso, tal pesquisa caracteriza-se como descritiva e interpretativa, posto que os contos de tradição oral, apresentados na pesquisa, isto é, *O sol e a lua*, conto brasileiro retirado site intitulado “meu cantinho”; *Porque o sol e a lua foram morar no céu*, conto angolano retirado do livro intitulado *Sikulume e outros contos africanos*, de Júlio Emílio Braz; *As mãos dos pretos*, conto moçambicano retirado do livro também intitulado *As mãos dos Pretos*, selecionada da coletânea de contos, organizada por Néelson Saúte; *Porque o negro é preto*, conto brasileiro retirado do livro *Contos Tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo; *O Kianda e a rapariga*, conto angolano retirado do livro *Contos Populares de Angola*, de Viale Moutinho e *O Marido da mãe d’água*, conto brasileiro retirado do livro *Contos Tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo, foram interpretados em sala de aula pelos alunos, por meio de discussões orais e atividades que serviram de base para a análise deste trabalho.

Nesse sentido, considerando a análise e a leitura dos contos abordados, utiliza-se, no presente trabalho, além do método qualitativo, ou seja, análise e investigação das atividades e contos que podem oferecer diferentes interpretações, tem-se, ainda, de acordo com Moreira e Caleffe (2008), o método comparativo que tem como função o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades e povos, contribuindo, assim, para o entendimento do comportamento humano. Por meio desse método, compara-se às realidades brasileira, angolana e moçambicana para suscitar a compreensão sobre quais as semelhanças e diferenças existentes entre tais culturas que possibilitam a realização de um diálogo intercultural, a partir da leitura e discussão dos contos e das atividades de interpretação e comparação deles, que constituem o *corpus* deste trabalho.

Em termos de realização da pesquisa, a investigação foi realizada na escola CAIC José Joffilly, escola pública situada no município de Campina Grande- PB, que possui ensino fundamental e médio. A intervenção foi realizada no ensino médio, mais especificamente, em uma turma do segundo ano. Entretanto, antes de realizarmos a investigação, a escola forneceu sua permissão, para que a pesquisa-ação fosse realizada na sala de aula. A turma em que esta pesquisa foi realizada apresentava 26 alunos numa faixa etária de 14 a 20 anos, aproximadamente, considerando o fato de haver repetentes, no entanto, só participaram da nossa pesquisa 23, devido ao fato de três do total não terem frequentado as aulas.

O processo de intervenção foi executado durante as aulas de língua e literatura, sob a responsabilidade da professora de língua portuguesa, que vinha trabalhando o gênero narrativo com

os alunos. Portanto, a intervenção não ocasionou nenhuma quebra do processo didático, mas uma continuação com foco na cultura que envolve a narrativa.

Finalmente, é importante ressaltar que no processo de diálogo cultural na sala de aula, procurou-se dar prioridade à percepção dos alunos no que se refere às semelhanças e diferenças culturais entre Brasil e Moçambique. À medida que líamos os textos, observávamos termos e elementos culturais que denunciavam não só a temática abordada nos textos, mas, sobretudo, características peculiares de cada cultura ou os elementos que aproximam tais realidades.

3. Implicações da interculturalidade na sala de aula

Antes de dar início a nossa análise sobre as implicações observadas no processo intercultural na sala de aula, ou seja, o diálogo cultural, vale entender o que se entende por cultura. Por isso, em primeiro lugar, é importante destacar que, de acordo com Santos (2006), a cultura é um comportamento implícito que rege as diversas áreas da nossa sociedade, seja educação, política, economia, religião, dentre outras. Esse autor apresenta duas concepções de cultura, dentre as quais a primeira se refere a todos os aspectos de uma realidade social, enquanto a segunda diz respeito ao conhecimento, às ideias e às crenças de um povo. Nessa perspectiva, vê-se que, na primeira concepção, a cultura é concebida como algo mais geral, fazendo referência às características gerais de determinado povo, seja na maneira pela qual a sociedade se organiza, seja pelos seus aspectos materiais.

Essa primeira concepção de Santos (2006) é um viés pelo qual se apreende que, em termos de relações culturais, é difícil ver a cultura do outro compreendendo-a, sem marginalizá-la e violentá-la nem que seja verbalmente, como se pode observar nas palavras de Fleuri (2003), que, discutindo sobre as relações culturais, afirma que as culturas são comparadas a partir de uma lógica binária a partir da qual sempre existe o inferior e o superior, pobre X rico, negro X branco, dentre outros que podem ser identificados nas palavras abaixo.

Na maioria das vezes, as relações entre sujeitos e entre culturas diferentes são consideradas a partir de uma lógica binária (índio x branco, centro x periferia, dominador x dominado, sul x norte, homem x mulher, criança x adulto, normal x deficiente...) que não permite compreender a complexidade dos agentes e das relações subentendidas em cada pólo, nem a reciprocidade das inter-relações, nem a pluralidade e a variabilidade dos significados produzidas nessas relações (FLEURI, 2003, p.11).



Diferenciando-se desse conceito cultural que visa as relações entre culturas diferentes, depreende-se que, na segunda concepção cultural de Santos (2006), a cultura é vista como algo mais específico, que considera as maneiras de agir de determinado povo, atendendo ao conhecimento, ideias e crenças do mesmo. Dessa vez, há uma limitação em que o povo possa ser compreendido como grupo de pessoas que praticam uma determinada religião, tendo portanto, conhecimentos e comportamentos específicos daquela religião. No entanto, embora se tenha percebido que as concepções apresentadas diferenciam-se pelo fato de uma ser mais geral e outra mais específica, ressalte-se que elas estão, de certo modo, interligadas, uma vez que não se pode falar da forma como um grupo age sem falar da sociedade no geral.

Tendo-se em vista tal perspectiva, ao longo do processo que buscava levar para estudantes de Língua Portuguesa, os diálogos entre as culturas angolana, moçambicana e brasileira, precisamos estudar as características dessas sociedades no geral, antes de observar seus comportamentos específicos, como os religiosos. Verificou-se, nesse processo, que boa parte dos alunos enxergaram semelhanças e diferenças entre as narrativas objeto de estudo da pesquisa e, sobretudo, entre as culturas investigadas, mas também constataram que as ações diferentes justificam-se pelo fato de se tratarem de culturas distintas. Tal elemento é visível nas palavras do I.17, que ao responder à questão: [o que podemos aprender com as diferenças culturais entre Moçambique e Brasil percebidas nos contos observados?], presente na atividade de comparação entre o conto brasileiro *Porque o negro é preto* e o conto moçambicano *As mãos dos pretos*, afirmou:

Podem aprender que um conto pode ter o mesmo assunto mas trajetórias diferentes (**resposta do Indivíduo 17**).

Analisando essa resposta, constata-se a compreensão dele para com o fato de os contos tratarem de um mesmo tema, mas com enredos diferentes, ou seja, observa-se que a proposta da intriga ou trama é a mesma para os dois contos. Todavia, embora a introdução e o desfecho sejam semelhantes, há particularidades tanto na compilação ou desenvolvimento, quanto no clímax. Ambas as narrativas são construídas em torno do questionamento sobre a cor da sola dos pés e da palma das mãos dos negros, porém, elas trazem justificativas diferentes, o que confirma a influência cultural na literatura de tradição oral.

Tal influência foi observada também pelo indivíduo 9 que, após comparar o conto brasileiro *O sol e a lua* com o conto angolano *Porque o sol e a lua foram morar no céu*, respondeu ao



questionamento: [o que podemos aprender com as diferenças culturais entre Angola e Brasil percebidas nos contos observados], com o seguinte comentário:

Podemos aprender que as lendas ou contos mudam conforme região ou cultura (**resposta do indivíduo 9**).

Por essa resposta, constata-se que o aluno pode ter vislumbrado a essência da literatura de tradição oral, representada por ele como lenda ou conto, como algo mutável que se adequa às diversas culturas, como se pode observar nas palavras de Cascudo (2006) para o qual,

Ao lado dos processos populares de conservação dos temas, circulação e modificação das fórmulas iniciais e finais, da adaptação às condições ambientais, fauna, flora, costumes, mentalidade, a Literatura Oral é essencialmente a Novelística, a existência dos assuntos literários tratados há quinhentos e seiscentos anos por escritores e poetas perfeitamente constáveis nos contos, anedotas, casos (CASCUDO, 2006, p.15).

Em outras palavras, antes de existir a literatura escrita, a literatura de tradição oral adequava as diferentes culturas, construindo novas histórias. O que não se sabe é em que momento e lugar esses contos se originaram, pois, sendo fruto da memória, eles são sempre reatualizados, ganhando novos tempos e novos espaços, instituindo-se em memória coletiva e representando a história de um povo.

Essa adaptação das narrativas de tradição oral às diferentes culturas revela a potencialidade da literatura de tradição oral enquanto elemento pedagógico na educação intercultural, posto que, por meio dela, é possível mostrar aos aprendizes que cada cultura tem seus hábitos e costumes, fazendo-lhes verificar semelhanças e diferenças da sua cultura com a cultura do outro. E, no caso desta pesquisa, a educação intercultural possibilita não só fazer o diálogo com a cultura do outro, mas sobretudo, fazer com que os alunos desmistifiquem os estereótipos e representações solidificadas acerca das culturas africanas e se reconheçam como brasileiros cuja cultura é formada também pela presença africana, uma vez que a educação “deve proporcionar a formação de cidadãos que respeitem a diferença e que, sem perder de vista [...] a dimensão nacional da sua identidade, tenham garantido o direito à memória e ao conhecimento de sua história” (MOURA, 2005, p.76).

Pensando nesse reconhecimento cultural que a educação deve proporcionar, é fundamental não esquecer a formação cultural brasileira com a histórica presença indígena, portuguesa e africana, mas também de outras, chegadas ao Brasil em uma história mais recente com os imigrantes chineses, japoneses, alemães, dentre outros. Contudo, estudar as culturas angolana e moçambicana, assim como reafirmar-se brasileiro descendente dessas culturas é um passo para desmistificar os preconceitos existentes para com os negros e africanos em nosso país. Constata-se



que conhecer um pouco dessas culturas, pela Literatura de tradição oral é um meio de se entender melhor o Brasil, como afirma Padilha (2007), ao discutir sobre a importância do estudo das literaturas africanas.

A minha terra, volto a dizer, é o Brasil e estudo as literaturas africanas, a de Angola em especial, porque preciso entender melhor o Brasil. Tenho amor por tudo que faço, mas sei que os autores e suas obras são africanos/angolanos e eu sou brasileira. Há a distância de oceanos – Atlântico e Índico – a nos separar. Penso que muitos desses escritores me respeitam porque sabem que eu os estudo, mas eles são eles e eu sou eu. Aquela não é a minha terra. Minha terra é essa aqui; é esse lugar aqui. A África foi a terra de parte dos meus ancestrais. Só isso (PADILHA, 2007, p.12).

Lendo essas palavras de Padilha (2007), pode-se depreender que a educação intercultural não tem como objetivo fazer os alunos reconhecerem-se como africanos, mas como brasileiros que têm, nos ancestrais, uma origem africana, o que explica as semelhanças culturais estudadas aqui, identificadas pelos alunos participantes desta pesquisa como se pode observar nos comentários dos indivíduos 18 e 22 que ao responderem ao questionamento: [O que podemos aprender com as diferenças culturais entre Angola e Brasil percebidas nos contos observados?], afirmaram:

Que Angola e o Brasil são muito parecidos em termos de cultura (**resposta do indivíduo 22**).

As duas culturas tem aspectos diferentes, mas quando estudadas elas se completam (**resposta do indivíduo 18**).

Esse sentido de complementação encontrado por I.18, entre as culturas brasileira e angolana, revela que o aluno está, de certa forma, descobrindo as suas origens no momento em que identifica crenças e costumes semelhantes entre as culturas, como, por exemplo, a religião Bantu presente no Brasil, que é de origem angolana; o hábito de misturar a comida na hora da refeição como, por exemplo, o arroz com feijão, que também é um hábito africano e, por fim, o racismo tão presente nas culturas brasileiras e africanas, como destacado pelo indivíduo 13 ao responder ao questionamento: [O que podemos aprender com as diferenças culturais entre Moçambique e Brasil percebidas nos contos observados?], da atividade de comparação entre o conto brasileiro *Porque o negro é preto* e o conto moçambicano *As mãos dos pretos*:

O que se pode aprender com os contos é que em toda cultura há o racismo, não é uma regra de determinada cultura. Devemos aprender a respeitar o outro como ele é (**resposta do indivíduo 13**).

A resposta dada pelo indivíduo 13 ressalta o pensamento de Fonseca (2010), para quem “As imagens construídas sobre o negro, na cultura brasileira, não se distanciam muito daquelas



produzidas em outros espaços economicamente desenvolvidos a partir da mão de obra escrava” (FONSECA, 2010, p.89), o que é reiterado pela consideração do I.13 quando diz que o racismo está presente em todas as culturas, cuja base fundamentadora foi a comparação entre o conto brasileiro e o conto moçambicano. Entende-se que esse racismo presente tanto na nação brasileira como em outras nações é histórico. Portanto, pensando na nossa realidade, é impossível não trazer a esta discussão o poema *O poeta come amendoim* do livro *Clã do Jabuti*, de Mário de Andrade, um dos primeiros escritores brasileiros a pensar no Brasil na sua essência nacional/territorial.

Nesse poema, o autor parece tentar caracterizar a identidade de uma nação que passou por um processo de colonização a partir do qual seu povo precisou adaptar-se à nova situação política, em razão, inclusive, das influências culturais como o Cristianismo trazido por Portugal visto, por exemplo, no verso “Só o murmurejo dos cre'm-deus-padre irmanava os homens de meu país...”, em que o murmurejo do padre representa a catequização dos índios e dos escravos trazidos para o Brasil. Os versos “Noites pesadas de cheiros e calores amontoados.../ Foi o sol que por todo o sítio do Brasil/ Andou marcando de moreno os brasileiros.” revelam o fenômeno da mestiçagem brasileira em um processo de colonização, mostrando a relação dos escravos e brancos que deu origem aos mulatos denominados morenos na nossa sociedade.

Nota-se, também, nesse poema de Mário Andrade, a busca pela reafirmação da identidade, embora pareça deixar permanecer em seu sistema cultural a superioridade de raças, reflexo de um processo de violência ideológica, étnica e cultural no qual o branco possui o sangue azul, colocando-se como superior ao negro, ao índio e ao mulato. Esse é um estereótipo que permaneceu no Brasil por muito tempo e existe até hoje por mais que não seja revelado com tanta frequência, posto que o racismo é considerado crime inafiançável pela Lei 7716/89.

Essas considerações acerca da formação cultural do Brasil a partir do poema de Mário Andrade explica o comentário do indivíduo 13 que, vendo nos contos brasileiro e moçambicano um ambiente racista, no qual o negro é inferior ao branco, entende que o racismo é comum a todas as culturas, embora saiba-se que isso não é certo e que todos devem ser respeitados como são. Concebe-se, dessa maneira, que a discussão sobre o racismo na sala de aula e a recuperação das culturas brasileira e moçambicana permitiram que o aluno compreendesse não só a existência do preconceito, mas também a falta de fundamento em um preconceito que julga um homem mais importante do que o outro pela cor da pele.

Tais reflexões sobre a temática abordada nos contos *Porque o negro é preto* e *As mãos dos pretos* desencadeou o comentário do I.23 que, ao responder o questionamento: [O que podemos



aprender com as diferenças culturais entre Moçambique e Brasil percebidas nos contos observados?], afirmou:

Que apesar das diferenças, não devemos criticar tantos os negros, pois apesar de tudo, são humanos como nós brancos, e não são nem melhor nem pior, todos iguais (**resposta do indivíduo 23**).

Essa afirmação traz a compreensão de que, devido à discussão realizada em sala de aula sobre o racismo, o aluno verificou a gravidade desse preconceito e a necessidade da igualdade social, independentemente de cor, raça, religião, etc; no entanto, implicitamente, percebe-se, nesse comentário, termos que revelam um discurso preconceituoso como “não devemos criticar tanto os negros” e “apesar de tudo”, já que o termo “tanto”, presente no primeiro caso, parece mostrar que, se for pouco, pode criticar os negros, enquanto, no segundo caso, há uma concessão que traz a conclusão de que, mesmo sendo negro, é um ser humano como visto nas palavras do aluno “são humanos como nós brancos”. Logo, depreende-se que, mesmo o aluno tendo entendido e desejado mostrar a necessidade da igualdade social, o racismo ainda está presente em seus hábitos e costumes, ou seja, em sua formação cultural, revelando, mais uma vez, a necessidade de um ensino intercultural, trazendo reflexões que façam os alunos compreenderem a necessidade do respeito às diferenças e que percebam que não existe superioridade em qualquer que seja a cultura. A educação intercultural, como no caso desta pesquisa, faz os alunos constatarem e entenderem a formação cultural do Brasil, que tem uma matriz diversificada, bem como respeitar as diferenças culturais, como se pode observar nas palavras de Moura (2005).

Esta educação, profundamente vinculada às matrizes culturais diversificadas que fazem parte da formação da nossa identidade nacional, deve permitir aos alunos respeitar os valores positivos que emergem do confronto dessas diferenças, possibilitando-lhes ao mesmo tempo desativar a carga negativa e eivada de preconceitos que marca a visão discriminatória de grupos sociais, com base em sua origem étnica, suas crenças religiosas ou suas práticas culturais (MOURA, 2005, p.76).

Pensando nesse “respeito aos valores positivos” emergidos do confronto entre as diferentes culturas, lembra-se da cultura do acolhimento e da partilha que é um dos costumes derivados da cultura Bantu muito influentes na religião angolana apresentada em sala de aula e notada pelo indivíduo 13 que, respondendo a questão: [O que podemos aprender com as diferenças culturais entre Angola e Brasil percebidas nos contos observados], presente na atividade de comparação entre o conto brasileiro *O sol e a lua* e o conto angolano *Porque o sol e a lua foram morar no céu*, apontou:

Aprende principalmente com a religião Bantu que ensina a partilhar e acolher



(resposta do indivíduo 13).

Nota-se, nesta resposta do indivíduo 13, que ele percebeu o valor positivo presente na cultura Bantu, em Angola, que ensina aos cidadãos a acolherem as pessoas e a partilharem seus bens materiais com elas, o que parece não ser tão comum no Brasil, onde a desigualdade social é muito grande.

No que concerne ao respeito às diferenças, assunto discutido no momento em que os contos foram comparados, identificou-se a compreensão do indivíduo 15 que, respondendo ao questionamento sobre o que ele aprendeu observando as diferenças entre Brasil e Angola, pontuou:

Devemos entender que temos que compreender as diferenças culturais pois é importante para a sociedade e acabar com a desigualdade (resposta do indivíduo 15).

Esse comentário demonstra a importância da reflexão cultural na formação escolar, uma vez que, ao se apresentar uma cultura diferente ao aluno, fazendo-o entender que cada cultura tem seus hábitos e seus costumes, ele pode passar a compreender e a respeitar às diferenças dos outros.

Nesse sentido, ressalta-se, por fim, que o diálogo cultural na sala de aula constrói uma educação que, de acordo com Silva (2003), é vista como um processo de transformação social que “preocupa-se com o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, pais e comunidade em geral, para que sejam capazes de realizar uma leitura crítica da estrutura social em que estão inseridos” (SILVA, 2003, p.39). Em outras palavras, nesta pesquisa, o diálogo cultural pôde apresentar para os alunos as culturas angolana e moçambicana, ao mesmo tempo em que se propunha um diálogo entre essas culturas e as culturas brasileiras (se pensando que os contos brasileiros estão presentes em diferentes culturas), procurando não apenas conduzir os alunos a refletirem sobre os estereótipos existentes, no nosso país, a respeito das culturas africanas que fazem parte da nossa matriz cultural, respeitando as diferenças existentes entre essas culturas, mas também aprendendo com essas diferenças, e sobretudo, entendendo o porquê das semelhanças percebidas entre as culturas africanas e as brasileiras, reafirmando-se culturalmente.

4. Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, percebe-se que o objetivo determinado, isto é, apresentar as implicações de um diálogo entre as culturas brasileira, angolana e moçambicana, na sala de aula, a



partir de contos da tradição oral, levando-se em conta o fato de que tais narrativas apresentam aspectos culturais do espaço e tempo no qual foram produzidos, foi alcançado.

Em outras palavras, compreendeu-se, ao longo das análises que a abordagem intercultural na sala de aula gerou reflexões, por parte dos alunos, sobre as diferenças existentes entre as culturas estudadas, entendendo que cada cultura possui suas peculiaridades. Nesse caso, por mais que se esteja estudando realidades, das quais alguns hábitos fazem parte do nosso cotidiano, sabe-se que esses hábitos são caracterizados pela nossa sociedade, gerando discriminações pelo que é diferente como nos casos das religiões africanas, como o candomblé e a Umbanda, que são denominadas, pejorativamente, “macumba”.

A educação intercultural tem como objetivo desmistificar esses estereótipos, fazendo com que os alunos compreendam a necessidade de aceitar e até aprender com as diferenças. Viu-se que uma das diferenças comuns entre as culturas estudadas é que, por ter a religião Bantu como uma das maiores influências, os angolanos, por exemplo, respeitam a natureza, enquanto no Brasil, por mais que haja a presença dessa religião africana, não há esse respeito, na mesma proporção.

À guisa de conclusão, reforça-se a importância deste estudo como um elemento estimulante no processo de reflexão sobre a cultura africana na sala de aula, resgatando as origens da cultura brasileira e mostrando aos alunos que eles devem respeitar as culturas africanas não só porque são culturas que fazem parte do processo de constituição da nossa cultura, mas sobretudo, porque são as culturas dos outros.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Clã do Jabuti*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Ed. da USP, 1987.

BRAZ, Júlio Emílio. *Sikulume e outros contos africanos*. Rio de Janeiro: PALLAS, 2008.

CASCUDO, Luís Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negro na cultura brasileira*. In.: Maria Nazareth Soares Fonseca (org.). *Brasil afro-brasileiro*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREITAS, Neide. *Oralidade, literarização e oralização da literatura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A,



2003.

JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas do universal ao multiculturalismo*. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pos-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOUTINHO, Viale. *Contos populares de Angola*. São Paulo: Landy, 2000.

MOURA, Glória. *O direito à diferença*. In.: MUNANGA, Kanbengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

O SOL E A LUA. Disponível em: www.meucantinho.com.br. Acesso: 10 de out. de 2014.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Laura Cavalcante Padilha: uma fiandeira da voz e da letra*. Entrevista. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista Crioula, n.2, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras*. In.: *Superando o racismo na escola*. Org.: Kanbengele Munanga. Brasília: Ministério da educação, 2005, p.155-172.

SAÚTE, Nelson. *As mãos dos Pretos*. Moçambique: Dom Quixote, 2001.